

ETNOLOGIA.

HUMBOLDT E A ETNOLOGIA AMERICANA

EGON SCHADEN

A figura exponencial de Alexander von Humboldt, cuja memória vem sendo reverenciada ao ensejo da passagem do 1º centenário de sua morte (1959), pode ser analisada sob muitos ângulos. Nas páginas do Boletim Paulista de Geografia, já foi ressaltada sua contribuição como naturalista e como geógrafo (Nº 32, julho de 1959). Cabe, agora, ao Prof. Dr. EGON SCHADEN, livre-docente em exercício da cátedra de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, focalizar a contribuição do notável sábio germânico para o melhor conhecimento da Etnologia americana.

ALEXANDER VON HUMBOLDT foi o último grande representante de um dos períodos mais fecundos da pesquisa científica e do pensamento humano. O ano de sua morte (1859) foi também o da publicação da "Origem das Espécies" de DARWIN, coincidência que tem sido apontada, mais de uma vez, como marco divisório entre a fase da "ciência universal" e a da especialização. O "Kosmos", a maior das obras de Humboldt, é tida, com razão, como a mais grandiosa tentativa até hoje feita no sentido de se integrarem numa visão conjunta e uniforme do Universo os conhecimentos científicos de uma época. Naturalista por excelência, não deixava, entretanto, de manter vivo seu interesse pelos problemas relativos ao homem. Seu empenho em desvendar os segredos do mundo físico, em descobrir as leis que o regem e em correlacioná-las, não correspondia ao objetivo exclusivo ou último de seu espírito investigador, mas à necessidade de ter a base mais segura para uma compreensão filosófica e mesmo estética da natureza, como da própria existência humana. Precisava, assim, de um horizonte amplo e de uma curiosidade sempre atenta aos mais diversos fenômenos acessíveis à interpretação científica. Impossível que se enclausurasse na estreiteza desta ou daquela disciplina particular.

Em suas viagens, mormente na longa expedição pelo continente americano (1799-1804), colhe uma soma extraordinária de observações, sobretudo para a Geografia, a Geologia, a Botânica, a Climatologia e outras ciências naturais, mas contribui também para o conhecimento antropológico e arqueológico das populações aborígenes do Novo Mundo. Antes dele, numerosos cronistas, viajantes

e missionários haviam descrito costumes indígenas, sem, no entanto, se aventurarem a tentativas sérias de interpretar os fatos observados. É com HUMBOLDT que se inicia esta fase. E é através dos seus estímulos que se abre a era das grandes expedições que, no século dezanove, vêm explorar, dos pontos de vista arqueológico e antropológico, as mais diferentes regiões do continente americano. Ele próprio estudara em Göttingen, em cuja universidade o antropólogo BLUMENBACH se empenhava em promover o desenvolvimento das expedições científicas, e recebera particularmente a influência de seu amigo GEORG FORSTER, que acompanhara a JAMES COOK na exploração do Oceano Pacífico. No mesmo sentido ele, por sua vez, incentivaria os viajantes que se propusessem percorrer o Novo Mundo. De forma ora direta, ora indireta, se ligam a ele as expedições de WIED-NEUWIED, SPIX e MARTIUS, POEPPIG, ROBERT e RICHARD SCHOMBURG, APPUN e tantos outros que, a par dos demais assuntos que investigaram, ajudaram a elevar a um plano científico a discussão dos problemas relativos às populações ameríndias. O ponto culminante dessa influência seria alcançado na segunda metade do século dezanove, quando etnólogos da estatura de KARL VON DEN STEINEN se dirigiram para as florestas do Brasil Central em procura de tribos indígenas representantes da "idade da pedra".

À Etnologia americana de nossos dias HUMBOLDT aparece, antes de mais nada, como cuidadoso e paciente observador. Mas seria errado supor que se tenha contentado em comunicar simplesmente, no correr de seu relato de viagem, uns tantos fatos sobre a cultura, a organização social e as condições de vida dos aborígenes com que entrou em contato. Não dispunha, é verdade, de nenhuma teoria etnológica em que pudesse enquadrar as observações feitas, mas nem por isso deixou de indagar do sentido delas e de relacioná-las entre si, a fim de propor a interpretação que lhe parecesse a mais razoável. Empenhava-se em compreendê-las numa visão histórico-cultural, isto é, com referência ao passado das populações indígenas ou ao seu estado evolutivo. Ao falar, por exemplo, da antropofagia entre as tribos karaíb, ressalta que esse costume não é indicativo do estágio mais primitivo da humanidade, mas que seu aparecimento pressupõe um certo grau de evolução cultural. Insiste na distribuição universal da antropofagia e dos sacrifícios humanos e em que essas práticas, longe de serem apanágio dos povos "mais embrutecidos e ferozes", podem subsistir no contexto de civilizações bastante adiantadas. Seu juízo, que devia surpreender na época, está hoje confirmado por inúmeros estudos. A antropofagia, em vez de situar-se na base das linhas evolutivas da cultura, surge apenas com o aparecimento da lavoura, com a chamada "revolução neolítica", no dizer de arqueólogos modernos como GORDON CHILDE. Não se há de estranhar, por outro lado, que HUMBOLDT não se apercebesse da função dos

ritos antropofágicos nos respectivos sistemas culturais e se contentasse em explicá-los como simples práticas ditadas pela fome. É graças a estudos especializados de etnólogos e sociólogos que hoje conhecemos a complexa vinculação do costume de comer carne humana com as concepções religiosas e a estrutura social das tribos que o possuem. Nem por isso ignoramos sua importância alimentar.

Embora não se encontre, na obra de HUMBOLDT, a preocupação de apresentar qualquer teoria de Antropologia Cultural, ele não obstante contribuiu para o exame crítico de fórmulas então aceitas. Desde ADAM SMITH e ROUSSEAU se vinha admitindo, como certa, uma espécie de "lei dos três estados" para a evolução cultural da humanidade: o da caça, o do pastoreio e o da lavoura. Já antes de HUMBOLDT, como lembra KOPPERS, ISELIM, autor hoje quase desconhecido, se insurgiu contra o simplismo dessa fórmula, contrária a observações feitas entre as tribos da Nova-Zelândia, que devem ter chegado ao cultivo do solo sem antes se dedicarem à criação de animais. Pelo que vira entre os aborígenes do Novo Mundo, HUMBOLDT pôde, por seu turno, afirmar que a "raça americana" não percorreria a escala do pastoreio ao passar da caça para a lavoura. E não tardaria a pôr de sobreaviso os etnólogos europeus até então demasiado confiantes em explicações simplistas ou ingênuas. Um de seus grandes méritos foi o de lhes chamar a atenção para a impossibilidade de se compreender a formação das culturas tribais sem levar em conta o jogo de fatores que caracterizam o meio ambiente. Se a nós hodiernos isto parece evidente, não o era em princípios do século passado.

Aliás, os temas de interesse antropológico discutidos com maior penetração pelo grande viajante são os relativos às populações indígenas em face do mundo vegetal e animal. Sua curiosidade se volta para a domesticação de plantas e animais e para sua importância no desenvolvimento geral das culturas ameríndias. É certo que errou em mais de um caso na discussão desses problemas, bastante novos na época, mas nem por isso carecia de valor sua contribuição. Não é da natureza de toda ciência o ela superar-se constantemente a si própria?

Na época em que HUMBOLDT viajava pelas Américas, a questão da origem dos ameríndios era discutida sobre a base das mais extravagantes conjeturas. A ele coube apresentar a tese, hoje confirmada, de que o povoamento do Novo Mundo se deu, em essência, por grupos vindos do nordeste da Ásia, apoiando-a com numerosos fatos por ele próprio registrados. É certo que não ousou rejeitar sumariamente aquelas conjeturas, como a da presença de tradições hebraicas nas culturas indígenas, mas não tinha dúvidas em afirmar a conexão racial e cultural dos índios com as populações mongólicas da Ásia, lembrando a possibilidade da vinda de expedições asiáticas

para o Alasca e a Califórnia, e manifestando a esperança de que se viesse a descobrir, entre os idiomas ameríndios, "uma língua falada com certas modificações no interior da Ásia e da América". Suas idéias foram confirmadas por investigações no campo da Antropologia Física, da Etnologia e da Linguística Comparada, se bem que tenhamos hoje uma consciência muito maior do polimorfismo somático e da variedade cultural e linguística das tribos indígenas. Há quem interprete a multiplicidade étnica do homem americano como devida à heterogeneidade de elementos de diversa procedência, mas há também antropólogos que o explicam, em essência, como diferenciação secundária pelo longo isolamento dos vários grupos na imensidão das terras americanas. Uns e outros concordam, porém, em reconhecer o leste da Ásia como a principal terra de onde vieram as populações ameríndias.

Também a opinião de HUMBOLDT sobre a origem das civilizações pré-colombianas se coaduna com a de vários americanistas modernos. Impressionado com a correspondência do calendário dos Incas e dos Astecas com o das antigas civilizações do Oriente, com as semelhanças entre o zodíaco sino-tibetano e o das civilizações da América, entre tradições míticas orientais e americanas, entre símbolos religiosos mesoamericanos e outros da antiga arte da Índia, apontou os grandes centros asiáticos como responsáveis pelo florescimento cultural de alguns povos do Novo Mundo, afirmando que a vinda de "pequeno número de indivíduos das castas hierárquicas cultas pode talvez ter sido suficiente para produzir grandes mudanças nas condições da América ocidental". Nos tempos que se seguiram, a idéia desse contacto caiu em descrédito, até que, há poucos anos, obteve novo vigor através dos trabalhos de especialistas competentes, como HEINE-GELDERN, EKHOLM e outros. Se nem todos os estudiosos atuais da Antropologia americana perfilham a tese destes, preferindo, ao contrário aceitar, em essência, o autoctonismo das civilizações pré-colombianas, não se pode, no entanto, fugir à evidência dos impulsos alienígenas por eles demonstrados. Restá, apenas, saber o grau em que se fizeram notar tais influências. Como quer que seja, mais do que nunca a explicação de HUMBOLDT está longe de merecer o sorriso com que muitos a consideravam líquida.

Bastam estes exemplos para mostrar o papel de ALEXANDER VON HUMBOLDT nos dias em que a Etnologia da América ensaiava os primeiros passos. Sua capacidade de intuição e a força de sua inteligência se nos afiguram realmente notáveis quando nos penetramos de sua condição de pioneiro numa ciência que mal começava a cogitar das possíveis perspectivas teóricas e dos métodos com que iria enfrentar os problemas que se lhe colocavam.